Lisboa 30 de novembro de 2022

**Teilhard de Chardin e a “A ENERGIA DO AMOR** ” é o tema que me foi dado tratar, ...

E, para tornar mais clara a sequência da minha intervenção, vou traçar rapidamente as linhas mestras que a articulam:

Começarei por aquilo que, aparentemente, será mais simples e próximo da experiência comum - os testemunhos autobiográficos do Padre Teilhard que nos falam da sua relação afetiva com a terra natal e a paisagem da sua infância, da imagem dos seus pais e, particularmente, da sua mãe, dos laços que o ligavam às irmãs Marguerite e Françoise, da revelação inspiradora que foi para ele a prima Marguerite T. Chambom, e das muitas outras presenças femininas, todas figuras singulares, com quem teceu afinidades eletivas. E de tantos amigos, irmãos da Companhia de Jesus, cientistas, intelectuais, artistas. Todos estes testemunhos nos falam do amor humano que foi fundamento do seu crescimento espiritual e que o conduziu do “ser mais” inaciano à visão paulina do “ser tudo em todos”.

Seguidamente, acompanharei o percurso do Padre Teilhard ao longo da sua interpretação do fenómeno humano: desde os impercetíveis sinais de atração que, no início, moveram os átomos da matéria original, até ao horizonte da Parusia, ou seja: da cosmogénese, à biogénese, da antropogénese à noosfera, até à cristogénese. Neste percurso da Evolução na História, até às origens do Homem, Teilhard vê uma grande energia impulsionadora e atrativa, o Ponto Ómega, Sede de Convergência, ponto fontal do Amor Universal, que identifica, no final, com o Cristo Cósmico, “ Le Christ toujours plus grand – o Cristo sempre maior.“

 Terminarei reconhecendo como, na visão cósmica do Padre Teillard, é **a energia do AMOR** que, sacralizando, cristificando o mundo, permitirá à humanidade a REVELAÇÃO da PARUSIA.

O AMOR DA TERRA E O AMOR DO CÉU são os eixos fundamentais da FÉ de Teilhard de Chardin

Como já foi dito na primeira sessão deste Curso, o Padre Teillard nasceu no seio de uma família muito unida e fervorosamente cristã: a mãe educou os onze filhos num ambiente carinhoso, protegido e de grande devoção, e o pai incutiu-lhes o gosto pela observação atenta dos fenómenos da Natureza e pelas ciências exatas. A oração diária rezada em família, o culto mariano e a intensa devoção ao Sagrado Coração de Jesus irão marcar não só a infância e a juventude do futuro padre, como também irão inspirar a evolução do seu pensamento e despertar novas intuições, como mais adiante veremos.

Como refere Claude Tresmontant[[1]](#footnote-1), um dos melhores imtérpretes da obra de Teilhard, “para esclarecer a génese psicológica da obra ( de Teilhard) temos a felicidade de possuir uma história interior, uma autobiografia espiritual, que esboça o desenvolvimento da sua visão do Mundo. No Prólogo do texto em causa *– Le Coeur de la Matière* - , datado de 1950, o padre Teilhard propõe-se (e cito) *“ mostrar como, a partir de um ponto de ignição inicial ( a infância), o Mundo, ao longo de toda a minha vida, por toda a minha vida, a pouco e pouco se iluminou, se inflamou ao meu olhar, até se tornar, em redor de mim, inteiramente luminoso.”*

Teillard recorda assim esse tempo familiar:

*“A minha infância e a minha juventude foram vividas num meio familiar exemplar e harmonioso resguardado dos dramas e fealdades da vida.”*

 Foi neste ambiente que se definiu a sua vida interior e a sua vocação científica.

“*Através do meu pai, conheci, desde a infância, o gosto pelo* ***Geológico,*** *pelas coisas, e o sentimento da marca que o tempo nelas imprime.”[[2]](#footnote-2) - “o contacto com o* ***Cósmico*** *no estado sólido”,* ou seja, a aprendizagem **do Inalterável, da** **consistência e do sentido da realidade**. Assim como a atração pela **Natureza vegetal e animal** e a interrogação dos mistérios da **Física,[[3]](#footnote-3)** tendências em que Teilhard reconhece a herança paterna.

E, da mãe, guarda uma comovida memória:

*“Minha querida e santa mãe, a ela devo o melhor de mim! Dela me veio o sentido do amor de Deus, a independência da alma perante a adversidade*”[[4]](#footnote-4). – ou seja, **a experiência da fé e o apelo do absoluto.**

Na obra biográfica citada, *O Coração da Matéria,* ao descrever o seu percurso espiritual, Teilhard deixa-nos o seguinte testemunho:

*...” Era preciso que sobre mim descesse uma centelha para fazer jorrar o fogo.... ora esta centelha pela qual “o meu Universo”, ainda incompletamente personalizado, acabaria* ***de se centrar por amorização,*** *foi indubitavelmente através da minha mãe (...) que ela iluminou e inflamou a minha alma de criança*.” (pp. 51,52 )

Foi também a mãe que lhe incutiu a devoção tradicional ao Sagrado Coração de Jesus, “a sua primeira aproximação a um Crístico para além do Cristo”, como, mais tarde, reconhecerá:

 “O Cristo. O seu Coração. Um Fogo: capaz de tudo penetrar; e que, a pouco e pouco, tudo invadia...” “O coração do Cristo universalizado coincidindo com um coração da Matéria amorizada”[[5]](#footnote-5), não a imagem imediata da iconografia sentimental herdada do século XIX.

Por outras palavras – também suas – : com os pais aprendeu o amor do Céu, a busca do ABSOLUTO, e o amor da Terra, o apelo da Santa MATÉRIA, que orientaram toda a sua vida.

 Ocorre ainda lembrar que a divisa inscrita no brasão familiar parece anticipar a identidade do Padre Teillard: *“De fogo é a sua energia e do Céu a sua origem*” (divisa encontrada na Eneida, VI, 730). Porque o Céu e o Fogo marcaram indelevelmente a sua vida e a sua obra.

 Além dos pais, uma intensa relação afetiva ligou Teilhard e as suas duas irmãs, Françoise, a irmã mais velha, e Marguerite, a mais nova, relação tecida de cumplicidade intelectual e, sobretudo, espiritual, **e** por semelhança de projeto de vida. Ambas precocemente falecidas, Françoise morre aos 32 anos, na China, em plena entrega como missionária. Marguerite, de compleição muito frágil, morre após uma longa doença e grande sofrimento. Através da correspondência trocada entre os três irmãos, podemos descobrir as afinidades espirituais e o amor fraternal que os unia.

 No fim da guerra, ao recordar as mensagens que recebera de Françoise, Teilhard reconhece que nelas transparecia *“ a importância única e providencial que a realidade de Deus assumira na sua vida; - e julguei compreender que, no fundo, éramos muito mais parecidos um com o outro do que o que até aí julgara*”.[[6]](#footnote-6)

Quando toma conhecimento da morte da sua irmã Marguerite, escreve ao seu irmão Joseph: *“Ela e eu, pensávamos em comum tudo o que é ação espiritual e vida interior. A sua presença tangível vai fazer-me muita falta. Mas, em compensação, imagino que o seu poder de me inspirar e de me proteger é agora maior”[[7]](#footnote-7).*

 Em 1910, após um longo percurso de formação científica e teológica, o jovem padre Teilhard é destacado para o Museu de História natural, de Paris, como geólogo e paleontológo.

A imersão na vida intelectual e social de Paris abre-lhe novos horizontes, até ali insuspeitados. Transita da experiência de um mundo familiar e de comunidades exclusivamente masculinas, para um universo muito mais aberto. Frequenta novos círculos científicos e culturais e reata a convivência com a família de seu tio Teillard-Chambon. O reencontro com a sua prima Marguerite vai ser, para ele, uma revelação: bela, inteligente e culta, de uma intensa espiritualidade, intuitivamente entra em sintonia com o jovem padre Teillard. Segundo Nicole Timbal, “para ambos, a descoberta da alteridade e do amor que a acompanha, o reconhecimento da alma gémea, foi um sobressalto. Para ele, as primeiras experiências do “feminino” tinham sido a sua máe e as irmãs, que lhe deixaram marcas profundas de ternuraespontânea, e mesmo de ressonância espiritual . Mas, tanto a mãe como a irmã não são a Mulher, a alteridade. A sua prima Marguerite vai ser a sua primeira experiência amorosa ...[[8]](#footnote-8)”

 O próprio Teilhard no fala assim do seu encontro com o Feminino:

 *“Comprometido desde a infância na descoberta do Coração da Matéria, era inevitável que, um dia, me encontrasse face a face com o Feminino. - E é curioso que esse encontro, para acontecer, tenha esperado pelos meus trinta anos. (...) Ao homem - mesmo naqueles que se dediquem ao serviço de uma Causa ou de um Deus – não é possível o acesso `a maturidade e à plenitude espiritual sem a presença de uma influência sentimental que venha sensibilizar-lhe a inteligência e despertar-lhe, pelo menos inicialmente, as capacidades de amar.[[9]](#footnote-9) .”*

O padre jesuíta Pierre Leroy, um amigo que o acompanhou ao longo de toda a vida, retrata assim a relação afetiva que unia Teilhard e a sua prima:

“*Marguerite estava particularmente apta a compreender a forte personalidade do seu primo e, em contrapartida, encontrava nele um conselheiro que a ajudava a superar os seus problemas. Ela pôde pô-lo em contacto com os intelectuais do seu círculo. Foi também a sua confidente privilegiada nos anos da guerra e na partilha das suas reflexões.”* [[10]](#footnote-10)

Foi entre os anos 14 e 19, um período luminosamente criador, que, em plena frente de combate, incorporado como simples maqueiro, o jovem padre Teilhard concebeu as linhas mestras do seu pensamento e, à medida que lhes dava forma escrita, assim as enviava a Marguerite para as sujeitar à sua avaliação. Datam deste período, cerca de vinte ensaios, de que destacarei - *La Vie cosmique, 1916, Le milieu mystique, e L’Union créatrice, 1917, Mon Univers, L’Éternel Féminin e Le Prêtre, 1918, e La puissance spirituelle de la matière, 1919.*

Os extratos de algumas das muitas cartas que trocaram ao longo dos cinco anos de guerra revelam a qualidade do amor que os unia:

Nov. De 1918 –“ *Querida Marg: ... Reza para que a paixão de viver e de espiritualizar, que é a minha única força e que tu tanto ajudas a reanimar, nunca amoleça.”*

Fev. de 1919 - “*Querida Marg:... é verdade: foste-me dada para a guerra. Mas o que juntos adquirimos nestes cinco anos deve servir-nos. E além disso o que poderia separar o que o amor de Nosso Senhor uniu? Disse-to: precisarei sem dúvida muito de ti a fim de te confiar o que digo e o que faço”.*[[11]](#footnote-11)

É também expressiva a dedicatória a Marguerite inscrita no texto original do ensaio *A luta contra a multitude*, de março de 1917: “*Testemunho afetuoso de união no pensamento e em Cristo”.*

Cito ainda Claude Cuénot[[12]](#footnote-12), que teve o privilégio da amizade e do contacto pessoal com Teilhard, a propósito da relação afetiva entre os dois primos:

*“... a descoberta do feminino, que uma perfeita sublimação permite aliar à observância rigorosa do seu voto de castidade, e que sempre viria a desempenhar um papel catalítico na sua vida espiritual, papel eminentemente positivo de tal modo o religioso passara para Cristo; em 1946, Teilhard confessaria não ter nunca tentação ou luta neste campo.”*

Numa carta de 1917, do próprio Teilhard confessa à prima que a amizade que os liga*“é tâo preciosa como uma nota de Música que dá o tom a toda a nossa vida”[[13]](#footnote-13).*

É em Marguerite que encontra a inspiração para o magnífico poema místico *O Eterno Feminino* [[14]](#footnote-14)*, de 1918,* em que canta o Amor sublimado, considerado como a grande força cósmica. Neste poema, podemos encontrar ecos não só da Sabedoria (Eclesiastes, XXIV, 14), da alegoria do Livro dos Provérbios bíblico (VIII, 22-31), como também a figura tutelar de Beatriz, de *A Divina Comédia* (Vita Nova) de Dante e, ainda, do *Segundo Fausto,* de Goethe, a quem deve o título e o postulado fundamental ...”*O Eterno Feminino atrai-nos para o Alto*.” No poema, Beatriz é o Feminino e o Feminino é a Virgem que, no seu enigmático monólogo, se revelaria desta forma:

*“Entre Deus e os homens, eu sou o meio translúcido. Sou eu quem atraí o Verbo sobre a Terra e sou eu quem seduz a Terra para a dar a Deus. Em mim, - e não na carne, - se cumprem os esponsais do Mundo e do Criador. Eu sou a Virgem Maria, - a Igreja...”[[15]](#footnote-15)*

 O Eterno Feminino é uma alegoria marcadamente poética da História da Criação, sob o impulso do Eterno Feminino. Canta a evolução do Amor universal, que constitui a energia do cosmos, culminando na redenção do Eterno Feminino operada por Cristo, pela castidade, que é a via da sublimação do *eros*.

Ao longo da sua vida, o padre Teilhard encontrou em muitas outras amizades femininas um complemento intelectual, afetivo e espiritual. No ensaio *A Evolução da castidade* (1934), o próprio Teilhard afirma: “*A Mulher desabrocha, sensibiliza, revela a si mesmo aquele que a ama*.” E, no testemunho de Claude Cuénot, *“O FEMININO humanizou Teilhard”[[16]](#footnote-16) e ” tendo sempre respeitado os seus votos, ele amou a figura feminina”.*

Dentre estas amizades, destacaria Jeanne-Marie Mortier, que, a partir de 1939, dedicadamente o vai apoiar na organização da sua obra e que, após a morte de Teilhard, como legatária universal dos seus escritos nunca publicados, imediatamente procedeu à edição da sua obra integral.

É também muito extenso o conjunto de amigos dedicados com quem partilhou uma experiência de vida muito enriquecedora, nas dimensões intelectual, científica, espiritual, como, por exemplo, os padres jesuítas Pierre Leroy, Auguste Valensin, Henri de Lubac ; os companheiros de tantos percursos, Max Begouen, Helmut de Terra, Henri de Montfreid, George Barbour, e ainda o abbé Breuil, Monsenhor Bruno de Solages... entre muitos outos.

Fecharia esta primeira parte, transcrevendo uma “oração” do padre Teilhard que expressa diafanamente que, ” para ele*, o amor divino, para irromper num ser, ab(re) a brecha através do amor humano”.[[17]](#footnote-17)*

( Senhor*)...”Da mesma forma que há uma única Matéria criada para suportar os sucessivos aumentos da Consciência, no Cosmos, – assim não existe senão um único sentimento fundamental na base de todos os místicos, ou seja:* ***o amor inato da pessoa humana, estendido a todo o Universo.*** *(...) Sob este único estofo palpável, Senhor, nos apareceis, nos encantais, e revelais, pouco a pouco, as maravilhas da vossa existência entre nós.”[[18]](#footnote-18)*

Passando agora à 2ª Parte , vou percorrer o trajeto que levou Teilhard, a partir do amor pela “santa Matéria”, evoluir para a esperança confiante e a “visão ardente”da PARUSIA.

Em 1916, em plena frente de batalha, o padre Teilhard escreve o texto *A Vida Cósmica*. Apresentado como *“o seu testamento de intelectual*” - dado os riscos iminentes de vida que corria nas trincheiras - , contém em germe todo o ulterior desenvolvimento do seu pensamento, que irá encontrar a sua forma definitiva nos escritos posteriores”[[19]](#footnote-19), especialmente em *O Meio Divino*.

 Na *Introdução* a *A Vida Cósmica*, deixa este testemunho:

*“Escrevo estas linhas por exuberância de vida e por necessidade de viver; - para exprimir uma visão apaixonada da Terra; e para procurar uma solução para as dúvidas da minha ação – porque amo o Universo, as suas energias, os seus segredos, as suas esperanças, e porque, simultaneamente, me dediquei a Deus, única Origem, única Saída, único Termo. Quero exaltar aqui o meu amor à Matéria e à vida, e harmonizá-lo, se possível, com a adoração única da única Divindade absoluta e definitiva.”* E, mais adiante, acrescenta*: “Exponho, antes de mais, as minhas visões ardentes.” (...) “eis a palavra que, acima de tudo, desejo fazer ouvir: a da reconciliação de Deus e do Mundo.”*

Projeto de vida

 ....“*o meu amor à Matéria” / “ a adoração da única Divindade”/ “a reconciliação de Deus e do Mundo*”, eis as três referências essenciais que, dali em diante, vão orientar o projeto de vida de Teilhard, como cientista, como homem de Fé, e como místico.

Assim, entre a escrita de *A Vida Cósmica*, de 1916, e o ano de 1950, data de outra das suas obras maiores, *O Coração da Matéria*, Teilhard viveu um tempo extraordinariamente fecundo, nos planos humano, científico e espiritual. Como já foi referido, é a sua autobiografia, a sua experiência pessoal que ele se propõe descrever, enraizando-a na memória da infância e alargando-a até ao presente:

*” A história da minha vida interior é a desta procura, através de realidades cada vez mais universais e perfeitas”[[20]](#footnote-20). ”Tenho consciência de ter pretendido sempre, em tudo, alcançar o Absoluto.”*

Assim, são estas as palavras-chave por que Teilhard refere o seu fascínio infantil pela *Consistência*, a *Essência das Coisas, o apelo da Matéria, a santa Matéria, o Sentido da Penitude, a busca do Absoluto:*

*“Não tinha certamente mais de seis ou sete anos quando comecei a sentir-me atraído pela Matéria – ou, mais exatamente, por algo que “brilhava” no coração da Matéria.” (...) Era Cristo que brilhava no coração da matéria...(...) “ Exatamente o que eu viria a entrever, depois de muitos anos de experiência e reflexão, num Pólo evolutivo do Mundo!”(....)* “”.[[21]](#footnote-21)

*O Fenómeno Humano*, obra prima finalizada em Pequim, em junho de 1940, traduz a busca que Teilhard empreendeu – citação -“para ver e fazer ver” o Homem , não centro já do Mundo – como ele se julgou durante muito tempo; mas eixo e flecha da Evolução – o que é muito mas belo”[[22]](#footnote-22).

VER, outra palavra-chave da sua mística, “ver em profundidade e de modo interior, para poder pre-ver o que traz futuro à humanidade”, como sublinha o padre Vasco Pinto de Magalhães[[23]](#footnote-23).

“Verdadeira epopeia da Humanidade”, *O Fenómeno Humano* é o fruto de 25 anos de investigações paleontológicas e de informação precisa sobre as ciências da natureza, uma descrição analítica e focadamente objetiva da realidade cósmica Apresenta-nos uma visão homogénea e coerente sobre o fenómeno que é o homem, o seu lugar no universo, sob uma perspetiva puramente científica:

 *“ Não se procure nestas páginas, uma explicação, mas apenas uma introdução a uma explicação do Mundo.*”(...) Mas acrescenta: ”*Bem entendido, para além desta primeira reflexão do cientista, fica livre um lugar, essencial e hiante, para as reflexões mais avançadas do filósofo e do teólogo”,”[[24]](#footnote-24)* reflexões que irá aditar como epílogo do texto científico, como adiante veremos.

Produto da sua investigação científica, *O Fenómeno Humano* constitui uma História da Criação, operada por uma lei determinada - a lei da RECORRÊNCIA, que manifesta o dinamismo da União Criadora e regula a totalidade da EVOLUÇÃO, no sentido de uma progressiva COMPLEXIDADE e CONSCIÊNCIA.

 Esta História parte da génese da “Terra juvenil”, um meio cósmico ativamente convergente, descreve os seus “indecisos contornos” e as suas “potências germinais”, detém-se na passagem gradual da fase que denomina “*o Grão de Matéria*” à fase seguinte, “*o Grão de Vida*”, e, através de sucessivos patamares de complexidade e de psiquismo crescente, desenha a “*Árvore da Vida”,” em “verticilo e em leque“... “por tenteio e invenção”...”em ascensão e expansão de consciência*”. Até que, da profundidade do Tempo e na larga dimensão do Espaço, surge o Homem.

Eis como, poeticamente, Teilhard anuncia a sua aparição:

 *“O Homem entrou no Mundo sem ruído*...”[[25]](#footnote-25) “ *O HOMEM constituindo, só por si, a mais nova, a mais fresca, a mais complicada, a mais matizada das camadas sucessivas da Vida.”*[[26]](#footnote-26)

Mas, sobre a aparição do homem, Teilhard esclarece a sua posição de cientista:

 *“Para os olhos da Ciência, que, de longe, só apreendem conjuntos, o ”primeiro homem” é, pois, e não pode deixar de ser, uma multidão: e a sua juventude é feita de milhares de anos.”* E toda a evolução conducente ao Homem é uma “*ascensão e expansão de CONSCIÊNCIA”.*

 No final deste labor cósmico de génese, Teilhard entrevê um FOCO de convergência e de consolidação pessoal e transcendente. Toda a Criação aparece orientada para uma personalização. Na sua análise científica, Teilhard não dá a este foco de personalização qualquer nome: limita-se a designá-lo por uma letra algébrica – ÓMEGA – a última letra do alfabeto grego.

E como é que ele identifica ÓMEGA?

Segundo Hubert Cuypers, na perspetiva fenomenológica, Teilhard identifica OMEGA como centro de atração, ponto de convergência da evolução e ponto de concentração último do psiquismo refletido da noosfera.[[27]](#footnote-27).

E como é que Teilhard justifica a identidade de OMEGA? Passemos-lhe a palavra:

Por uma *“Razão de Amor, em primeiro lugar. – Expressa em termos de energia interna, a função cósmica de Ómega - consiste em suscitar e manter sob a sua irradiação a unanimidade das partículas reflexivas do Mundo. [[28]](#footnote-28)*

Mas, se nos lembrarmos de que, na ADVERTÊNCIA inicial desta sua descrição cientifica, Teilhard introduziu a possibilidade de fazer ouvir “*as reflexões mais avançadas do filósofo e do teólogo”,* compreenderemos por que, no final desta sua História da Criação, ele anexe um novo capítulo, o EPÍLOGO, intitulado *O FENÓMENO CRISTÃO*, onde dá voz à reflexão do “*teólogo*”:

*“A Criação só poderá finalizar-se se o homem reconhecer, na sua dianteira, Cristo Alfa e Omega, cujo co-herdeiro o Homem é chamado a tornar-se. Toda a Criação manifesta a espera e o desejo por Aquele que vem. O Mundo não poderá terminar-se senão na adoração. O Amor não é apenas um sentimento, mas a pura energia que pode permitir à Criação o chegar ao tempo que lhe é próprio.[[29]](#footnote-29)”*

N’*O Fenómeno Cristão*, Teilhard/teólogo já pode perspetivar Ómega do ponto de vista transcendente e préexistente, *“como Deus, “centro dos centros”, fim e consumação do universo , e, mais especialmente, Cristo ressuscitado, em quem se realiza a conjunção do centro cósmico universal e do centro transcendente e que, na Parusia, se revelará como Pessoa absoluta, Amor absoluto que é Deus.”[[30]](#footnote-30)*

Em suma, a conceção reveladora do Apocalipse:

*“Eu sou o Alfa e o Omega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim.”* (22, 13);

 a definição fundadora de S. João:

*“Deus é amor.*” (1 Jo, 4,8)

e a profissão de Fé de São Paulo:

“*Nele vivemos e nos movemos e existimos*” (At. 17, 28)

N’*O Meio Divino*, tratado de vida interior datado de 1926, Teilhard dá-nos a sua visão da DIAFANIA de Deus, que “ impregna e move o Universo”, e reconhece que “o Cristianismo é, por excelência, uma Fé na unificação do mundo em Deus”.[[31]](#footnote-31)

Em março de 1955, um mês antes de morrer, num texto belíssimo intitulado *O Crístico,* Teilhard reafirma a sua fé e a sua esperança no Cristianismo:

 “ O *Cristianismo, ainda e sempre, reafirmo: mas um Cristianismo “renascido”, convicto de triunfar amanhã, como nos primeiros tempos,­ - porque só ele é capaz ( pela dupla virtude da Cruz e da Ressurreição, enfim totalmente compreendidas) de se transformar na Religião especificamente motora da Evolução*.”[[32]](#footnote-32)

(“Um Cristianismo renascido...” Como não recordar aqui as intervenções dos teólogos Bruno Nobre e François Euvé, que ouvimos na semana passada?)

Essa renovação, segundo Teilhard, terá de dar origem a uma nova Moral, a que chamou Moral de movimento, “necessariamente virada para o futuro e orientada para Deus.”

“Até agora, a Moral foi principalmente compreendida como um sistema fixo de direitos e deveres, visando estabelecer entre indivíduos um equilíbrio estático – uma moral fechada (...) Mas a nós, que vemos no desenvolvimento da consciência o fenómeno essencial da Natureza, as coisas apresentam-se noutra perspetiva (...) O valor dos atos humanos mede-se pela sua potencialidade de crescimento espiritual”. [[33]](#footnote-33)

Esta moral é essencialmente uma moral de amor referenciada a Deus, para quem o Universo converge. O AMOR, que, nas suas palavras, *“é a mais universal e a mais misteriosa das energias cósmicas”* (...) De tal modo que *“A forma mais expressiva e mais profundamente verdadeira de contar a Evolução universal, seria, sem dúvida, descrever a Evolução do Amor”.[[34]](#footnote-34)*

Esta visão teilhardiana da Criação universal é refletida nas seguintes palavras do Papa Francisco quando, na Carta Encíclica LAUDATO SI’, nos fala d’ “O mistério do universo” e da PARUSIA , no final do Tempo. A nota de rodapé que as acompanha, explicitando o contributo de Teilhard, quase não seria necessária para o reconhecermos:

*“A Criação só pode conceber-se como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal.(...) O amor de Deus é a razão fundamenal de toda a criação (...)“A meta do caminho do Universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. (...) Todas (as criaturas) avançam, juntamente connosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina”.[[35]](#footnote-35)*

Terminaria lendo uma oração em que Teilhard exprime o desejo místico da aparição apocaliptica de Jesus Cristo, o “Vem, Senhor Jesus!”

*“Ó Jesus, rasgai as nuvens com o vosso relâmpago! Mostrai-vos a nós como o Forte, o Deslumbrante, o Ressuscitado! Sede para nós o Pantocrator que ocupava, nas nossas basílicas, a plena solidão das cúpulas! É preciso nada menos que essa Parusia para equilibrar e dominar em nossos corações a glória que desponta. Para que vençamos convosco o mundo, aparecei-nos envolto na glória do mundo .*[[36]](#footnote-36)” *” Marana thá!”*

1. *Introdução ao pensamento de Teillard de Chardin*, p 14 [↑](#footnote-ref-1)
2. G. Magloire e H. Cuypers, *Teilhard de Chardin, l’homme et l’oeuvre*, p.15 [↑](#footnote-ref-2)
3. Claude Aragonnès, *Pierre Teilhard de Chardin à Sarcenat*, (1957) p.11. Nota: Pseudónimo de sua prima Marguerite Teillard-Chambon [↑](#footnote-ref-3)
4. Carta datada de 7 de fev.de 1936. [↑](#footnote-ref-4)
5. Le Coeur de la Matière, XIII, (1950), pp. 54-59 [↑](#footnote-ref-5)
6. *Génese de um pensamento, (1966),* p. 332 [↑](#footnote-ref-6)
7. Cit. por André-A. Devaux, *Teilhard et la vocation de la femme* (1964),p.13 [↑](#footnote-ref-7)
8. Nicole Timbal, *Teilhard de Chardin, au feu de l’amitié*, (2009),p.71 [↑](#footnote-ref-8)
9. *Le Coeur de la Matière, Le Féminin, ou l’ Unitif,* XIII, pp.71, 72 [↑](#footnote-ref-9)
10. Pierre Leroy*, Pèlerin de l’avenir: Le Père Teilhard de Chardin à travers sa correpondance 1905-1955*, (1989)

 [↑](#footnote-ref-10)
11. *Génese de um pensamento*, (1966), pp.289, 326.. [↑](#footnote-ref-11)
12. *Aventura e visão de Teillard de Chardin*, (1966), p.24 [↑](#footnote-ref-12)
13. *Génese de um pensamento,* Carta de 25 de julho de 1917, p.227 [↑](#footnote-ref-13)
14. em *Escritos do tempo da guerra*, (1969) pp.234—250) [↑](#footnote-ref-14)
15. Henry de Lubac*, L’éternel féminin,* (1983), p. 40 e 41.cf*.*Notas preparatórias de 7 e 8 de março de 1918) [↑](#footnote-ref-15)
16. *ce que Teillard a vraiment dit*, (1972), p.33 [↑](#footnote-ref-16)
17. M.Barthélemy-Madaule*, Bergson et Teillard de Chardin* (1963) p. 306, cit. por … [↑](#footnote-ref-17)
18. *Ecrits du temps de la guerre, Le Milieu mystique*, 1917, XII, pp.161 - 162 [↑](#footnote-ref-18)
19. *Ibid. - La Vie cosmique*, XII, pp.18 e 19 [↑](#footnote-ref-19)
20. Ibid. - *Mon Univers*, 1918, XII, p.298 [↑](#footnote-ref-20)
21. *Le Coeur de la Matière*, 1950, XIII, pp. 23-25 [↑](#footnote-ref-21)
22. *O Fenómeno Humano,* Prólogo, Livraria Tavares Martins, Porto, (1965) p. 11 [↑](#footnote-ref-22)
23. Prefácio a Cl. Tresmontant, Tudo o que sobe converge, (2019), p.8 [↑](#footnote-ref-23)
24. Ibid., *Advertência* , p.1 [↑](#footnote-ref-24)
25. Ibid. P.192 [↑](#footnote-ref-25)
26. Ibid. P. 241 [↑](#footnote-ref-26)
27. Hubert Cuypers, *V+ocabulaire Teillard, (1963), p.67* [↑](#footnote-ref-27)
28. *O Fenómeno Humano*, p. 296 - 298 [↑](#footnote-ref-28)
29. Cl. Tresmontant*, Introdução ao pensamento de Teilhard de Chardin, (1965), p.156* [↑](#footnote-ref-29)
30. Hubert Cuypers*, Vocabulaire Teillhard, (1963), p.67*  [↑](#footnote-ref-30)
31. O Meio Divino, (1981). [↑](#footnote-ref-31)
32. *Le Christique*, (1955), XIII, p. 114 [↑](#footnote-ref-32)
33. *A Energia Humana, O Fenómeno espiritual”*, (1937), VI, pp. I31 - 133 [↑](#footnote-ref-33)
34. *O Espírito da Terra*”, (1931), VI, p 40-41. [↑](#footnote-ref-34)
35. Papa Francisco*, Laudato Si*´, (2015), ns 76, 77 e 83 [↑](#footnote-ref-35)
36. *O Meio Divino*, Cultrix, (1981 ), p.103 e 104 . Escrito no deserto de Gobi, nov. 1926-mar. 1927. [↑](#footnote-ref-36)